

Entrevista



“Fazer extensão é viver a universidade plenamente”

Alfredo Balduino Santos

Professor da Udesc desde 2008 e atual coordenador de Extensão na instituição, onde também está à frente do Núcleo Extensionista Rondon, Alfredo Balduino Santos fala sobre a importância da extensão para a formação dos estudantes, avalia as mudanças previstas pelo Plano Nacional de Educação (PNE) para a área e apresenta alguns resultados das atividades desenvolvidas com alunos da universidade.

Caminho Aberto – Com o Plano Nacional de Educação, a extensão universitária recebeu um forte estímulo com a determinação de que, até 2020, 10% dos créditos curriculares dos cursos superiores sejam de extensão. Na sua avaliação, qual a importância dessa medida?

Alfredo Balduino Santos – Como professor extensionista eu percebo que já estava na hora de a universidade sair desse quadradinho em que ela vive, que são seus muros, e botar em prática um pouco daquilo que a gente aprende. Em quatro anos de universidade a maioria dos acadêmicos não tem uma experiência externa, e o que acaba acontecendo é que nós formamos pessoas não completas. Nós temos meninos e meninas que estudam conosco, que passam por atividades de extensão e que pra fora dos nossos muros dão conta da vida com plenitude. Já alguns outros adoecem a ponto de precisar de psicólogo para poder se reestruturar e começar a trabalhar. Hoje a universidade produz muito isso, o acadêmico sai da graduação, vai para o mestrado, vai para o doutorado e só depois vai se inserir no mercado de trabalho, com 28 a 30 anos, alguns um pouco mais, sem uma vivência prática daquilo que ele estudou. Então essa questão dos 10% vem justamente para que se possa ter também, além da formação acadêmica, a formação de pessoa. Só essa saída de campo, a saída para o contato com a comunidade externa, é que vai fazer com que o acadêmico tenha noção daquilo que ele está estudando e preparando para o seu futuro. Um cuidado que as universidades terão que ter é não misturar: não é eu pegar um curso de 4 mil horas e acrescentar 400 horas de extensão, mas dentro de um curso de 4 mil horas eu destinar 400 horas para a extensão. Nós teremos que ter um entendimento muito grande para que isso não aconteça. O que a gente percebe é que ainda tem muito pouca mobilização para que esse ajuste se torne efetivo. E tem que ser efetivamente extensão. Nós já anunciamos que vamos ser fiscalizadores para que isso aconteça dentro da Universidade do Estado de Santa Catarina até porque nós temos essa ação, que é o Projeto Rondon, que poderá ser uma das formas, visto que temos acadêmicos de todos os cursos participando dessa ação. Nós temos tramitando uma disciplina que vai tratar da extensão universitária que provavelmente já venha a fazer com que esse plano possa ir sendo cumprido.

Caminho Aberto - *A extensão ainda parece ser um pouco marginalizada dentro das universidades em relação ao ensino e à pesquisa. Mesmo os programas governamentais destinam grande quantidade de recursos para a pesquisa, que é praticamente um prolongamento do ensino, e a extensão permanece com estímulos e programas mais modestos. Como o senhor vê essa situação?*

Alfredo Balduino Santos – Existe um termo hoje na Política Nacional de Educação que é a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Nessa questão da indissociabilidade, o que a gente percebe é que o único que é indissociável acaba sendo a extensão. Porque o professor que está na sala de aula dando a sua aula, às vezes faz também pesquisa e extensão. O professor que está fazendo pesquisa dá aula, porque é obrigado a isso, e às vezes faz extensão. O professor extensionista tem que dar sua aula, organiza seu projeto de extensão, que está vinculado diretamente à sociedade brasileira e catarinense, e desse material que ele faz, o produto acaba sendo apresentado em formato de pesquisa. Então o professor extensionista acaba sendo um dos únicos que trata da questão da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A extensão, ao longo de algum tempo, vem ganhando espaço. Prova disso é o próprio Proext, que desde 2003 deu uma alavancada bastante grande. Hoje nós tivemos R\$ 71 milhões do governo federal destinados para a extensão, por meio do edital atual, e isso abre caminhos para que a extensão possa ser mais bem vista. O grande problema é que os pesquisadores que não conseguem fazer suas pesquisas em alguns órgãos de fomento acabam maquiando sua pesquisa, tentando transformar em extensão, e dependendo de quem está na avaliação, acaba deixando passar, e é uma pesquisa maquiada de extensão. Até nisso nós perdemos. A extensão é o retorno imediato da universidade brasileira, das universidades catarinenses, para a sociedade que está aí fora. O quilo de arroz, o quilo de feijão, o pãozinho que eles compram é o que subsidia essa universidade que está aí, e no entanto a gente devolve muito pouco. Então, sim, é possível dizer que a extensão ainda é marginalizada na universidade, mas nós já evoluímos muito, saímos de um patamar de trabalho assistencialista para trabalho de formação, temos trabalhos muito bons em várias universidades que tratam da formação de pessoas, formação de grupos gestores.



Caminho Aberto – *Mas essa associação entre extensão e assistencialismo persiste?*

Alfredo Balduino Santos – Os meninos e meninas que saem para o trabalho extensionista são pessoas que vislumbram possibilidades de mudança no país, numa sociedade, na comunidade, e não pessoas que vão passar a mão na cabeça das crianças das comunidades pobres. Na década de 1920 Charles Chaplin já dizia que a gente está perdendo a humanidade. E realmente, se a gente não fizer alguma coisa, essa humanidade vai acabar. Hoje as pessoas convivem muito pouco em família, nem para assistir televisão as famílias ficam juntas. Mas essa conversa de que a extensão é assistencialista já está superada. Nós temos aqui um professor extensionista que vai trabalhar com gestão financeira com os municípios da região de Curitiba. Isso não é assistencialismo, é gestão pública. Quando eu saio daqui e tenho um trabalho no Campo da Gruta, com futebol, o nome do projeto é Futebol e Cidadania, trago crianças e adolescentes no contraturno da escola para uma atividade esportiva, isso é assistencialismo? Não, é formação

de pessoas. A gente vai trabalhar questões de regras, respeito com os colegas, ética, outras atividades que a gente acaba envolvendo também pais e famílias em geral. Nosso lema é “fazer o bem faz bem”, e fazer com competência é melhor ainda.

Caminho Aberto – Como começou o envolvimento da Udesc com o Projeto Rondon?

Alfredo Balduino Santos – Para falar do Projeto Rondon na Udesc a gente tem que voltar para antes da década de 1970. Lá em 1965, quando o professor Wilson Choeri, da Universidade Estadual da Guanabara, foi para um evento do Exército e percebeu que os militares aspirantes a oficiais saíam para o interior do Brasil, para melhorar seu conhecimento sobre o país. Ele propôs para o general da época que ele pudesse levar também alunos das universidades, e eles aceitaram. Durante muito tempo foi um grande projeto, e é ainda hoje o projeto mais duradouro de extensão universitária. Naquele momento tinha outra perspectiva, era de fato mais voltado a assistencialismo - quanto mais dentes eu arrancava, melhor extensionista eu era. Mas eram atividades que, se os rondonistas não estivessem lá, talvez muitas crianças não tivessem nascido. A Udesc começou a participar dessas ações em 1970 e nessa participação nós criamos os câmpus avançados. Ficamos nesses câmpus até 1989, quando a atividade do Rondon parou. Foi retomado em 2005 por solicitação da União Nacional dos Estudantes (UNE), então nos dois momentos as universidades estão presentes – primeiro com o professor Wilson Choeri e depois com a UNE. Nos dois momentos a Udesc participa. Em 2010, nosso reitor Sebastião Iberes Lopes Melo nos instiga a fazer isso dentro do estado de Santa Catarina e um grupo de “enlouquecidos” acabou saindo para o interior do estado, buscando os municípios parceiros. Saímos para uma incursão nos municípios de Calmon e Matos Costa e a partir daí o trabalho passou a se desenvolver e a crescer, tomando a proporção que tem hoje. Se não fosse a coragem dessas pessoas de levar a universidade com todo o seu conhecimento para fora da universidade, talvez hoje o Rondon não estivesse acontecendo em Santa Catarina. Era cada um no seu quadrado querendo participar das ações do governo federal, através das ações do Ministério da Defesa, e indo para o Norte-Nordeste do Brasil, enquanto o chão de casa não era varrido. Hoje, a grande importância desse trabalho é termos essa condição de fazer com que algumas instituições de ensino superior, junto com a Udesc, possam estar levando um pouquinho da universidade pra fora dos seus muros. Com o tempo o trabalho só foi crescendo, foram vindo mais parceiros, o Instituto Federal indiretamente participou da segunda operação, que foi no extremo-oeste de Santa Catarina, e em 2011 efetivamente o Instituto Federal começa a trabalhar, na operação Caminho dos Tropeiros. Aí formou-se a parceria e tivemos a participação de alunos de Urupema, Criciúma e da Grande Florianópolis. Hoje a Udesc chega ao número de 88 municípios atendidos – destes, 81 em Santa Catarina, seis no Paraná e um na Argentina. São 4.600 ações desenvolvidas nesse período, 1.600 acadêmicos tanto da Udesc quanto das outras instituições e 139 mil pessoas atendidas. De 20 rondonistas na primeira operação nós passamos para 120 já na segunda. Existia uma demanda reprimida porque nós participávamos só do que acontecia via ministério, e tínhamos em torno de 300 acadêmicos inscritos para oito vagas. E hoje nós também temos 300 querendo ir, mas podemos levar 150, 160. O Projeto Rondon hoje faz parte do vídeo institucional da Udesc e faz parte das duas últimas gestões como propostas de ação efetiva da universidade. Só está crescendo, foi institucionalizado através de portaria, hoje tem cerca de 20 servidores nominados nessa portaria que trabalham com o projeto, sediado aqui e coordenado pela gente.

Caminho Aberto – Os rondonistas tendem a desenvolver um grande entusiasmo, desenvolvem uma grande afeição pelo trabalho do Projeto Rondon.

Alfredo Balduino Santos – Sim, tem esse bicho que acaba mordendo as pessoas. Eu acho que isso está relacionado ao que o Charles Chaplin falava sobre não perder a humanidade. As pessoas acabam vendo o mundo de outra forma. Não esquecem que têm que estudar para a prova, não esquecem do dever, mas não esquecem da pessoa que está ao lado. Esse trabalho tem sido muito importante. Uma das grandes observações que nós fazemos aqui dentro da Udesc é com os acadêmicos da Esag [Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas] que participam do Projeto Rondon. Esses meninos e meninas têm outro tipo de postura que não é a postura da maioria desse centro. Por exemplo, na hora do lanche, eles pegam o que produziram de lixo e colocam na lixeira, enquanto muitos deles deixam em cima da mesa.

Então a gente percebe que esses acadêmicos que participaram do Rondon criam um senso de coletividade, de trabalho em equipe. A gente percebe que esse projeto tem muita valia para a vida pessoal desses acadêmicos. Quando eles voltam assim deslumbrados, cria-se um vínculo, uma rede, em que as pessoas querem realmente trabalhar com o bem e fazer o bem. Sempre tem os corneteiros que falam que o projeto é “turismo social”, e a gente convida que eles venham participar, não fiquem só na crítica pela crítica.

Caminho Aberto – Como professor, que argumentos o senhor utiliza para estimular seus alunos a se tornarem extensionistas?

Alfredo Balduino Santos – Primeiro dia de aula do professor Alfredo Balduino Santos. Eu digo o seguinte: não adianta você vir para a universidade e tirar 10 em todas as disciplinas, e ficar sentado nessa cadeira em que você está aí, porque você só pode ter certeza de uma coisa, você vai sair dessa cadeira com a bunda um pouquinho mais quadrada, por causa do tempo que você ficou nela. O 10 é ótimo, mas a gente pode tirar 10 também fazendo extensão, fazendo pesquisa, fazendo monitoria, participando de movimento estudantil, participando de eventos esportivos dentro da universidade. Então eu digo, vivam a universidade plenamente. A universidade não está posta só para a gente chegar lá, abrir um livro, estudar o capítulo 1 e 2 e tirar 10 na prova. Se eu não viver a universidade plenamente, eu não vou sair preparado, pronto. Eu vou sair um aluno 10, mas e quando eu não conseguir tirar o 10, vou fazer o quê? Vou me desesperar, me descabelar, me suicidar? Tem gente que é assim. Lembro de um menino que estudou comigo que tinha que ser o melhor da turma, se ele não fosse o melhor da turma e tirasse 10 em tudo ele enlouquecia. Claro que estudar para as disciplinas é importante, mas para viver a universidade plenamente isso não basta. E fazer extensão é uma das formas de viver a universidade plenamente, de fazer com que o período em que eles ficam em uma instituição de ensino superior seja produtivo.

Alfredo Balduino Santos é licenciado em Educação Física pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e mestre em Políticas Públicas pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali).

Professor da Udesc desde 2001, é coordenador de Extensão da universidade e também coordenador do Núcleo Extensionista Rondon da Udesc.

